**Atividade de Análise de Imagens**

**Feito por Layssa Bauer Von Kulitz**

* **Objetivos**

Explorar em sala as imigrações estrangeiras no Brasil do século XX, focando na grande onda de imigração japonesa do final da Primeira Guerra Mundial.

A presente aula é direcionada ao 2º ano do Ensino Médio e pretenderá se aprofundar no caso da imigração japonesa seguindo um grupo de indivíduos específico para tanto, a família Ohara, de modo à ilustrar através deles as condições nas quais foram feitas as colonizações nikkei no interior do país.

* **Documento**

O documento escolhido para análise é uma fotografia de Haruo Ohara, intitulada: Sítio de Hitoshi Sanada, tirada no ano de 1955 em Londrina, no Paraná. A fotografia trabalhada aqui, por decisão da família do fotógrafo, foi doada, juntamente com o resto de seu acervo pessoal, ao Instituto Moreira Salles em janeiro de 2008 e passou então a ser tratado e preservado na Reserva Técnica Fotográfica do IMS no Rio de Janeiro. O acervo é composto por cerca de oito mil negativos em preto e branco, dez mil negativos coloridos, dezenas de álbuns e centenas de fotografias de época, além de equipamentos fotográficos, objetos, documentos pessoais, diários e livros.

Em 1998, houve a primeira exposição individual de Haruo Ohara, *Olhares*, dentro da programação do Festival Internacional de Londrina, com curadoria do poeta Rodrigo Garcia Lopes, na Casa Cultural de Londrina, com grande repercussão. No mesmo ano esta exposição é exibida na 2ª Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba.

No ano de 2000, um ano após a morte do fotógrafo, 100 fotografias de Haruo Ohara são exibidas, com destaque, na 3ª Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba, no Solar do Barão, com curadoria de Orlando Azevedo.

Em 2003 é publicado o livro *Lavrador de imagens: uma biografia de Haruo Ohara*, escrito por Marcos Losnak e Rogério Ivano e produzido pelo neto Saulo Haruo Ohara.

Em 2013, mais especificamente de 29 de junho a 08 de setembro, foi feita uma exposição com o acervo permanente de Haruo Ohara no Instituto Moreira Salles, onde a fotografia Sítio de Hitoshi Sanada foi exposta.

* **Abordagem**

A aula será orquestrada de maneira à: em primeiro lugar contextualizar historicamente as imigrações japonesas no Brasil de forma sintética; em segundo lugar inserir a trajetória de Haruo Ohara e sua família neste esquema histórico de forma a inserí-los ativamente no processo histórico descrito; em terceiro lugar evocar a fotografia de Haruo e constrastá-la com as produções artísticas da época, trabalhando-a como uma parte de um processo simbólico e estético.

1. **Contexto das imigrações**
2. Política de emigração do Japão

O Japão ficara isolado do resto do mundo durante os 265 anos do período Edo (Xogunato Tokugawa). Com as técnicas agrícolas da época, o Japão produzia apenas o alimento que consumia, sem praticamente formação de estoques para períodos difíceis. Qualquer quebra de safra agrícola causava fome generalizada.

O fim do Xogunato Tokugawa deu espaço para um intenso projeto de modernização e abertura para o exterior durante a era Meiji. Apesar da reforma agrária, a mecanização da agricultura desempregou milhares de camponeses. Outros milhares de pequenos camponeses ficaram endividados ou perderam suas terras por não poder pagar os altos impostos, que, na era Meiji, passaram a ser cobrados em dinheiro, enquanto antes eram cobrados em espécie (parte da produção agrícola).

Os camponeses sem terra foram para as principais cidades, que ficaram saturadas. As oportunidades de emprego tornaram-se cada vez mais raras, formando uma massa de trabalhadores miseráveis.

A partir da década de 1880, o Japão incentivou a emigração de seus habitantes por meio de contratos com outros governos. Antes do Brasil, já havia emigração de japoneses para os Estados Unidos (principalmente Havaí), Peru e México. No início do século XX, também houve grandes fluxos de emigração japonesa para colonizar os territórios recém-conquistados da Coreia e Taiwan. Contudo, somente no Brasil e Estados Unidos se formaram grandes colônias de descendentes de japoneses.

1. Política de imigração do Brasil

Apesar de receber japoneses durante o final do século XIX e nos anos iniciais do século XX, na condição de visitantes, somente em 1906 chegou ao Brasil um grupo significativo disposto a estabelecer uma colônia.

Na primeira leva de imigrantes de 1908, poucos eram agricultores, e assim relatou o presidente do Estado de São Paulo Manuel Joaquim de Albuquerque Lins em sua mensagem ao Congresso do Estado de São Paulo em 1909:

“A immigração japoneza parece não produzir os resultados esperados. Os 781 primeiros imigrantes, introduzidos na vigencia do contracto de 6 de Novembro de 1907, deram entrada na Hospedaria da Capital em junho do anno indo; mas, na maioria individuos solteiros e pouco habituados á lavoura, esquivaram-se a certos serviços agricolas, que abandonaram aos poucos. Sómente ficaram nas fazendas algumas familias constituidas por verdadeiros agricultores, que trabalham muito a contendo dos fazendeiros em cujas propriedades se localizaram.” (Poucos imigrantes familiarizados com o trabalho agricola)

O contrato previa que a estada dos imigrantes nas fazendas deveria ser de cinco anos, porém as más condições fizeram com que a maioria saísse das fazendas no mesmo ano. (Más condições de trabalho)

Somente em 28 de junho de 1910, chegou a Santos outro navio, o Ryojun Maru, trazendo mais 906 imigrantes japoneses.

Apesar de tudo, a imigração de japoneses continuou em ascensão. Em 1914, quando o governo de São Paulo interrompeu a contratação de imigrantes, a população japonesa no Brasil era estimada em apenas 10 mil pessoas.3 Até 1915, chegaram no Brasil mais 3.434 famílias (14.983 pessoas) de imigrantes japoneses.

Os imigrantes japoneses tiveram muita dificuldade em se adaptar ao Brasil. Idioma, hábitos alimentares, modo de vida e diferenças climáticas acarretaram um forte choque cultural. (Diferenças culturais e climáticas entre os imigrantes e seu novo nicho)

A maior parte dos imigrantes japoneses tinha a pretensão de enriquecer no Brasil e retornar para o Japão após poucos anos. Uma parcela considerável nunca aprendeu a falar o idioma português.

O enriquecimento rápido em terras brasileiras era um sonho impossível. Submetido a horas exaustivas de trabalho, o imigrante tinha um salário baixíssimo e o preço da passagem era descontado no salário. Ademais, tudo o que o imigrante consumia deveria ser comprado no armazém do fazendeiro. Em pouco tempo as dívidas se tornavam enormes. (Condições semi-escravistas de trabalho)

Entretanto, através de um sistema de parceria com fazendeiros locais, muitos japoneses conseguiram economizar e comprar seus primeiros pedaços de terra. A primeira compra de terra por japoneses no interior de São Paulo ocorreu somente em 1911. Com a ascensão social e a vinda de parentes, a maioria dos imigrantes japoneses decidiu-se pela permanência definitiva no Brasil.

Outro fator que facilitou a permanência definitiva no Brasil foi que os contratos de imigração eram feitos com famílias. Japoneses solteiros não podiam imigrar sozinhos, como foi permitido com outras etnias. O padrão comum foi a imigração de famílias de japoneses com filhos pequenos ou de casais recém-casados.(Condições de imigração específicas aos japoneses)

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o fluxo de imigrantes japoneses para o Brasil cresceu enormemente. Entre 1917 e 1940, vieram 164 mil japoneses para o Brasil.(Consequências da 1ª Guerra Mundial)

O crescimento da imigração para o Brasil foi estimulado quando os Estados Unidos baniram a entrada de imigrantes japoneses através da United States Immigration Act de 1924. Outros fatores para a imigração eram as promessas de enriquecimento rápido no Brasil divulgados pelo governo do Japão. Outros países, como Austrália e Canadá, também colocaram restrições a entrada de imigrantes japoneses. O Brasil tornou-se então um dos poucos países no mundo a aceitar imigrantes do Japão.

Também houve projetos de restrição de imigração de japoneses no Brasil. Em 22 de outubro de 1923, o deputado Fidélis Reis apresentou um projeto de lei de regulação da entrada de imigrantes com um artigo que dizia: É proibida a entrada de colonos da raça preta no Brasil e, quanto ao amarelo, será ela permitida, anualmente, em número correspondente a 5% dos indivíduos existentes no Brasil.

Na década de 1930, o Brasil já abrigava a maior população de japoneses fora do Japão. Muitos imigrantes japoneses continuaram a chegar neste período, muitos deles atraídos pelos parentes bem sucedidos que já tinham anteriormente emigrado.

1. **Haruo Ohara (1909 – 1999)[[1]](#footnote-2)**

Imigrante, lavrador e fotógrafo, Haruo Ohara (1909-1999) nasceu no Japão e emigrou aos 17 anos para o Brasil com os pais e irmãos. Cultivou a terra ao longo de boa parte de sua vida adulta com dedicação e arte – simultaneamente, fotografou sua vida e a de seus familiares. A obra de Ohara, alinhada com a fotografia moderna e humanista de meados do século XX, contribui para mostrar que alguns dos antagonismos da cultura brasileira, como aquele que contrapõe o campo e a cidade como símbolos do arcaico e do moderno, herança de nosso período colonial extrativista e escravocrata, não resistem ao surgimento de um novo personagem histórico na passagem do século XIX para o XX: o imigrante europeu ou asiático, que renova cultural e economicamente o país a partir do campo e que, no caso específico de Ohara, encarna tanto o homem da terra como o homem da cultura.

Hikoma Udihara (conterrâneo da mesma província de Haruo Ohara, no Brasil desde 1910 e responsável pela fundação de vários núcleos coloniais de imigrantes do Japão) contata em 1927/1928 os Ohara, como corretor de imóveis e agente da Cia. Terras Norte do Paraná. Em dezembro de 1929, uma caravana de 11 pioneiros (entre eles Massaharu Ohara, pai de Haruo, e Massahiko Tomita) parte para conhecer o projeto Cia. de Terras Norte do Paraná (que seriam loteados e povoados por estrangeiros de várias etnias).

Em 28 de março de 1930, Masshuro Ohara adquire o lote 1 (20 alqueires, juridicamente registrado como Chácara Arara), e Massahiko Tomita, o lote 2 da Gleba Cambé (atual Jardim Santos Dumont, em Londrina-PR), área reservada aos japoneses. Três anos depois os Oharas e os Tomitas mudam-se e tomam posse de suas terras, formando a Colônia Ikku, em Londrina-PR.

No Brasil, os Ohara foram postos antes de mais nada para capinar plantações de batata em Cotia, logo depois da chegada a São Paulo. Mudaram-se no ano seguinte para Presidente Prudente, onde as condições de trabalho e eram mais ou menos as mesmas, mas se sentiam mais perto dos cafezais que projetavam, para o mundo, a miragem da riqueza fácil no Brasil. E, em menos de seis anos, estavam instalados num lote do Patrimônio Três Bocas, no sertão do rio Tibagi. A futura Londrina.

Quando, em 1942, o Japão foi declarado inimigo do Brasil, a situação dos imigrantes japoneses (assim como a dos alemães e italianos) se complica (há fechamento das escolas, proibição de jornais e rádios, proibição de livros em japonês, circulação proibida sem salvo-conduto e probição da utilização da lingua japonesa em público). Já no final da guerra, em 1948, a derrota na guerra gera grande hostilidade aos japoneses, ameaçando inclusive sua moradia, por habitantes invasores e pelo próprio governo, que desapropria o lote 1 e diversos outros, para desagregar a colônia.

Quando a Brasil Paraná Loteamento e Colonização desapropriou suas terras para fazer o aeroporto, Haruo Ohara comprou outra gleba na mata nativa do ribeirão Palminal, entregou-a aos cuidados de meeiros, e foi morar na cidade, pela primeira vez em casa de alvenaria. Prosperou. Em cerca de uma década, tinha quatro escritórios comerciais em Londrina e lotes rurais até em Mato Grosso. Perdeu tudo quando credores das dívidas feitas em seu nome, sem consulta prévia, por um de seus genros, fizeram com que Haruo pagasse sua dívida até sua morte, em 1999.

1. **O urbano e o rural no Brasil moderno**

Haruo Ohara, como fotógrafo amador, se utilizava das temáticas conceituais mais presentes em seu entorno. O cotidiano na lavoura foi um cenário trabalhado de forma humanista e moderna, no sentido de que grande parte das fotografias de Haruo Ohara contém personagens conhecidos a ele (membros de sua família, companheiros da lavoura e amigos da Colônia Ikku, da qual fazia parte) que se mantém em contante movimento e com interação com seu meio. Tais fatores também estavam presentes nas fotografias de fotografos considerados profissionais da época, como Jacques Henri Lartigue, que inclusive, foi exposto juntamente com Ohara no IMS em 2013.

Com uma câmera antiga, Haruo muitas vezes orquestrava e organizava os elementos visuais que fariam parte de suas fotografias. Fazia suas filhas posarem onde e da maneira que queria para obter o efeito de movimento desejado. Esperava horas específicas do dia se apresentarem para que conseguisse fotografar com certos padrões de luz, etc.

Como disse Sergio Burgi:

“A obra de Haruo Ohara, alinha com a fotografia moderna e humanista de meados do século XX, contribui para mostrar que alguns dos antagonismos atávicos da cultura brasileira, como aquele que contrapõe o campo e a cidade como símbolos do arcaico e do moderno , herança de nosso períoso colonial extravista e escravocrata, não resiste ao surgimento de uma nova personagem histórica na passagem do século XIX para o XX: o imigrante europeu ou asiático, que renova cultural e economicamente o país a partir do campo e que, no caso específico de Haruo Ohara, encarna tanto o homem da terra quanto o homem da cutura. Ao lado do trabalho diário na lavoura, Haruo cultivou a delicadeza dos infindáveis registros fotográficos possíveis da luz, delineando formas abstratas a partir de volumes e texturas dos objetos e da natureza presentes em seu ambiente e entorno. Produziu também marcantes imagens documantais e humanistas de sua família, de sua região e do mundo do trabalho associado à abertura da nova fronteira agrícola do norte do Paraná pelos imigrantes japoneses e de outras nacionalidades que para lá acorreram.”[[2]](#footnote-3)

1. Informações obtidas no site do Instituto Moreira Salles. [↑](#footnote-ref-2)
2. BURGI, Sergio. Em: <http://ims.uol.com.br/hs/haruoohara/haruoohara.html>. Acessado em: 12 de Setembro de 2013. [↑](#footnote-ref-3)